



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

PROFISSÃO DOCENTE: VISÕES DE INÍCIO DE CARREIRA

Maria José Nascimento Correia¹

Késsia de Lima Monteiro²

1. INTRODUÇÃO

A história da profissão docente é marcada por diversas transformações, sempre permeadas por questões sociais, políticas e econômicas que determinaram não só os rumos da profissionalização e proletarização, como também os modos de agir e pensar da sociedade em geral. Segundo COSTA (1995), a profissão docente se constituiu paralelamente ao entendimento de educação como sendo uma necessidade de que os sujeitos sociais compreendam suas vivências individuais e em grupo e internalizem sua cultura. Sendo assim, ao profissional docente cabe o papel de produzir (socialmente) e transmitir (no espaço educacional) essa cultura.

Constituiu-se diferentes visões acerca do papel da profissão docente ao longo do tempo, sempre voltadas para o atendimento de determinados interesses, visto a possibilidade de disseminação de ideias e formação de mentalidades e posturas, algo que, mesmo de maneira implícita ainda compõe as concepções de educação, evidenciadas pelos restritos objetivos dos currículos educacionais.

Este trabalho apresenta as conclusões de uma investigação acerca da profissão docente, tendo como bases teóricas os pensamentos de Antônio Nóvoa, Paula Vicentini, Huberman e outros autores que discutem a história da profissão docente, envolvendo o ciclo de vida profissional, seus mal-estares as perspectivas históricas, entre outras fundamentações.

¹ Graduanda do 7º período do Curso de Licenciatura em história pela Universidade Federal do Acre. E-mail: mcorreiaac@gmail.com; Telefone: (68)99948-7160.

² Graduanda do 7º período do Curso de Licenciatura em história pela Universidade Federal do Acre. E-mail: kessialima95@gmail.com; Telefone: (68)99976-9302

A investigação buscou indagar como se apresenta o pensamento do professor de história em início de carreira, que leciona no Ensino fundamental do segundo seguimento, em escola da rede pública de Rio Branco, referente ao processo de escolha da profissão e como ele concebe a atuação do professor atualmente e antes do ingresso nela, levando em conta a valorização do profissional e as interferências disto no processo de ensino e aprendizagem. Foram entrevistados dois professores com as características acima citadas. O primeiro, Antônio Marcos Miranda Barros, tem 30 anos de idade e 07 de magistério e trabalha atualmente na Escola Clínio Brandão e o segundo, Maria Rosana Lopes do Nascimento, tem 24 anos de idade e 01 de magistério e atualmente leciona na Escola Raimundo Gomes de Oliveira.

Segundo o ciclo de vida profissional proposto por Hubernam, a fase de início de carreira é a fase da “sobrevivência” e da “descoberta”, ou seja, quando o professor se depara com as reais condições da profissão. O professor iniciante passa de uma fase mais calma, onde está acostumado a ver de longe os problemas da profissão, para uma fase onde esses problemas serão vivenciados e ele terá como missão tentar saná-los, isso gera insegurança na utilização dos métodos e na importância de seu papel na instituição escolar.

2. A ESCOLHA DA PROFISSÃO DOCENTE: EXPECTATIVAS E REALIDADE

Na maioria dos casos, a atuação na profissão docente não é resultado de uma escolha pelo amor à profissão. Geralmente os cursos de licenciatura são “escolhidos”, ora pela “facilidade” no ingresso e na conclusão, pensamento que está impregnado na nossa mentalidade, ora pelas condições de permanência na formação, ora pela falta de opção gerada pelas seleções através dos vestibulares. No caso específico do curso de história, frequentemente aparecem estudantes que desejam cursar direito e veem a história como um curso complementar ou um passa tempo.

Os professores entrevistados, em contrariedade ao que acontece com frequência, dizem ter optado desde o início pela profissão docente por uma questão de afinidade gerada por fatores como: bons professores de história (sendo esta a principal influência), e a possibilidade de formar estudantes com o pensamento voltado para a cidadania, algo que é cobrado em maior grau dos professores das áreas de humanas. Essas inspirações surgem durante a graduação, quando há uma

tímida aproximação do graduando com a sala de aula, onde se pode analisar o cotidiano de professores.

No tocante as expectativas, diz professor Marcos:

Eu tinha expectativas boas em relação a profissão. Primeiro porque eu ficava observando: 'ser professor acho que não é ruim não, tem uma folga na semana e a gente trabalha só quatro horas por dia. Se comparado a outras profissões, que você trabalha oito horas e tem uma hora de almoço (...)' Quando eu comecei a ser professor, eu vi que algumas coisas mudaram: a gente não tem mais folga na semana, só janelas, os contratos antigos é que tem janela, tem que estar na escola todos os dias, nem que seja para dar uma aula ou duas (Entrevista de Antônio Marcos Miranda Barros, em 03.05.16, Rio Branco-Acre).

Nota-se que, para este professor, não houveram grandes desencontros entre o que ele pensava em relação a profissão e suas experiências iniciais em sala de aula, pois suas principais expectativas eram mais questões burocráticas. Ele não se refere, por exemplo, às dificuldades de atuação do professor, insegurança nas abordagens dos conteúdos ou mesmo as relações estabelecidas com a comunidade escolar, isto evidencia o fato de que nos anos iniciais da carreira ainda há a permanência de corpo e de espírito na profissão.

Para a professora Rosana, as principais expectativas era, com relação à proximidade com os alunos e estas, em parte, se confirmaram:

Eu sabia que ia haver uma relação muito afetiva, querendo ou não a gente se envolve, se sensibiliza por perceber as particularidades dos alunos e acaba fazendo um papel de psicólogo e representa uma figura que, muitas vezes o aluno não tem em casa (...) Você percebe que a partir de um tempo, se você tem uma boa relação com o aluno, você se torna um referencial pra ele (Entrevista com Maria Rosana Lopes do Nascimento, em 06.05.16, Rio Branco-Acre).

Para ela, o maior choque foi quanto as responsabilidades do professor, pois mesmo entrando no meio educacional ainda durante a graduação, por meio do estágio, não é possível ter a dimensão do que é realmente a profissão e do que é a pressão que a escola, de modo geral, exerce sobre o professor. Tendo entrado para substituir uma outra professora, ela sofreu uma não aceitação por parte dos alunos e pouco suporte das coordenações.

Diferentemente do professor Marcos, ela apresenta, já no primeiro ano de magistério, suas dificuldades com as avaliações, os hábitos dos alunos, e o papel da escola se tornou realmente uma prova a atuação como professora. "O que eu consigo

pensar até hoje a educação, de maneira geral, e os professores, depois de um tempo de carreira não veem mais o aluno como cidadão, uma pessoa que eles estão formando, mas simplesmente como alguém que está contribuindo com o pagamento de seus salários”, afirma a professora Rosana.

3. AS (IN) SATISFAÇÕES E A DESVALORIZAÇÃO DA PROFISSÃO DOCENTE

Hoje, quando questionamos os professores da rede pública de ensino fundamental, médio e até superior, em início, meio ou fim de carreira, a maioria vai apontar as insatisfações da profissão estando inerentes ao piso salarial determinado pelo governo que ainda é injusto em relação as responsabilidades do profissional docente e suas pesadas horas de trabalho e ainda às questões estruturais das instituições de ensino que lhes permitem ou não uma boa atuação profissional. Isso é parte de uma herança que vem de muito tempo, onde as profissões de cunho tecnicistas, se tornaram mais importantes pelo visível resultado de seus fazeres.

Os professores entrevistados, apesar de mostrarem posicionamentos diferentes em relação aos motivos que lhes tornam ou não insatisfeitos em relação a profissão, dizem-se satisfeitos com a sua atuação. O professor Marcos, por estar há mais tempo no exercício do magistério, possui mais experiências, as quais são bem diversas e sente-se atualmente estabilizado, levando em consideração as dificuldades enfrentadas em seus primeiros anos de profissão:

O primeiro ano de trabalho como professor, ano de 2010, foi mais complicado. Tive a oportunidade de trabalhar na zona rural de Brasiléia, e aí eu fui, abracei essa causa, essa missão. Estava há menos de dois anos casado, minha esposa ficou aqui por causa do emprego e, como eu só vinha aqui uma ou duas vezes por mês, fiz uma procuração para que ela pudesse movimentar minha conta. Eu tinha que pagar passagem pra ir, levar minha alimentação pra escola e era lá onde eu morava. Trabalhava no ASAS DA FLORESTANIA e as escolas eram muito distantes. A escola onde eu trabalhava ficava depois de Brasiléia no Km 55, com mais 25 km de ramal. Tinha um carro da linha que levava a gente, mas cada um tinha que levar sua alimentação (Entrevista de Antônio Marcos Miranda Barros, em 03.05.16, Rio Branco-Acre).

No trabalho na zona rural, segundo ele, o mais difícil eram os subsídios que iam desde o transporte para chegar na escola (ia quase sempre a pé) até os materiais disponíveis para o ensino, já no tocante à relação com os alunos, diferentemente do que é na zona urbana, era extremamente mais favorável, principalmente pela vontade

de aprender, o que fazia dos professores muito mais valorizados. Um fator importante na (des) valorização da profissão, para ele, está voltado muito mais para as concepções da profissão internalizadas pelos alunos, os pais e a comunidade. Segundo ele há uma desvalorização do profissional muito maior pelos alunos, a importância que eles conferem ao aprendizado em história, do que as políticas governamentais para a educação.

A segunda entrevista, com a professora Maria Rosana, deixou clara a insatisfação proveniente das relações, de modo geral, estabelecidas na organização da classe de professores, que evidencia uma questão já discutida: as expectativas em relação a profissão.

Eu me sinto satisfeita e acredito que, pra melhorar, pra eu me sentir mais satisfeita, não depende só do salário do governo. Sem demagogia, acho que nós enquanto professores não somos unidos, não há uma organização da “classe”, cada um reclama do que lhe causa transtorno individualmente. Na organização militar, quando se faz greve, por exemplo, eles têm um objetivo comum, já na profissão docente se vê interesses diversos (Entrevista com Maria Rosana Lopes do Nascimento, em 06.05.16, Rio Branco-Acre).

Como se vê, o professor de história em início de carreira ainda tem uma concepção muito humana e sonhadora em relação a organização escolar, o aprendizado dos alunos e ainda veem possibilidade de se encontrar um meio mais simples de resolver certos problemas. Isso se explica pela recente saída do curso superior, onde se aprende a ter vontade de ser diferente, fazer de forma mais eficaz o trabalho docente, o que vai, frequentemente, se enfraquecendo ao longo da carreira.

4. A AUTO AVALIAÇÃO PROFISSIONAL E A “ESCOLHA” POR OUTROS CAMPOS DE ATUAÇÃO

Nesta fase da atuação profissional, o início de carreira, o profissional ainda se sente inferior aos demais no que se refere à prática educacional, buscando sempre o esforço pela melhoria, porém, normalmente não há interesse em mudança de profissão, pois essa fase da descoberta, segundo as fases de profissionalização de Huberman, descritas por Odélio Joaquin da Costa,

[...] traduz o entusiasmo inicial, a exaltação por sentir-se integrante de um corpo profissional, por estar, finalmente em uma situação de responsabilidade, por sentir-se incorporado ao mundo adulto e pela satisfação que representa a exploração de um novo marco social que representa a escola para o professor novato (COSTA, p. 08, 1995)

O Professor Marcos se vê como um bom profissional, mas que ainda tem muito o que melhorar. A sua outra opção profissional seria a de biólogo, mas atualmente não mudaria mais de profissão por dois motivos fundamentais: em primeiro lugar, aos trinta anos, já não vê mais possibilidade de recomeçar a vida com uma nova formação acadêmica, em segundo, pretende continuar com formações em seu campo de atuação (mestrado, doutorado em história). Por um lado, há uma permanência cômoda na profissão por não haver “fôlego” para mudanças drásticas, por outro lado, é bem significativa a escolha pela atuação profissional e o desejo de continuidade na formação.

Para a professora Maria Rosana, esta é uma questão muito mais fácil de se pensar, pois além do amor pela profissão, o curso específico em história também foi uma escolha sem outras possibilidades. Por isso, enquanto profissional, ela se vê como alguém que quer melhorar sempre e não pretende atuar em outra profissão, pela possibilidade que a profissão lhe conserva de formar e transformar pessoas que é o papel fundamental da educação.

5. A INTERFERÊNCIA DA FALTA DE PRÁTICA DE ATIVIDADES CULTURAIS NO ENSINO-APRENDIZAGEM

O fator ensino-aprendizagem é desenvolvido tanto pelo aluno quanto pelo professor, a metodologia de desenvolvimento, na perspectiva histórico-cultural, é compreendida como o processo por meio do qual o sujeito internaliza os modos culturalmente construídos de pensar e agir no mundo, esta metodologia se dá nas relações com o outro, indo do social para o individual. Portanto, a metodologia da qual o professor se utiliza para a construção do conhecimento com os alunos está intrinsicamente ligado a um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social. É com base nesta visão e diante da entrevista concebida a nós pelo professor Antônio Marcos Miranda Barros, que percebemos que há uma escassez de prática de atividades culturais na dos professores fora do ambiente escolar.

Mesmo indicando a prática dessas atividades com alguma frequência, o único lugar citado é a igreja e, algumas raras vezes, visita ao teatro. Segundo ele, há carência de outras atividades no município como peças teatrais, grupos musicais, apresentação de danças, entre outros vários aspectos que se interligam no meio

cultural. Portanto sua justificativa para a não frequência nas atividades culturais não está no tempo que a profissão toma, mas na escassez dessas atividades no meio social. Além de tal escassez, nota-se a carência de experiências pelo contato com outras culturas que seria proporcionado, por exemplo, por viagens.

Algo muito visível durante a realização da entrevista com esse professor foi o romantismo com que são tratadas essas questões que permeiam o meio educacional e o quanto suas crenças religiosas acabam que adentrando em sua concepção de mundo e, conseqüentemente, em sua atuação na sala de aula. Ele transfere alguns problemas na atuação da profissão, como a falta de tempo, aos professores, sendo, para ele uma escolha individual a ocupação do tempo para uma melhor remuneração.

Propositalmente ou não, o professor exerce um papel fundamental na formação que perpassa a técnica e chega a formação humana, pois nos primeiros anos de formação do aluno é como se o professor assumisse a postura do pai, o que é determinado inconscientemente pela proximidade de papéis. Dessa maneira, o modo de vida e as concepções do professor interferem e acabam envolvendo os alunos em uma forma de pensamento que se torna uma verdade, fugindo da ideia de autonomia educacional. Principalmente no que se refere às culturas e crenças, os alunos devem ter contato com variadas formas de pensamento sem que haja a possibilidade de absolutizar a escolha do professor ou sem permitir que ela determine as relações sociais dos alunos.

6. REFLEXÃO PARA OS NOVOS PROFISSIONAIS DE ENSINO

O recado dado pelo professor Marcos para aqueles que desejam começar uma vida como professor de história é exatamente fazer uma auto reflexão de suas escolhas, se realmente é isso que o sujeito deseja, se esta é a área que o mesmo almeja seguir. Se o resultado desta reflexão for positivo, ele vai conseguir alcançar o que planeja pois, “quando se trabalha com o que gosta, qualquer trabalho se torna mais fácil”, não serão as condições salariais que irão interferir no seu modo de atuar em sala de aula, diz: “quando se trabalha por dinheiro, sem acreditar naquela profissão, sem acreditar no que você faz com certeza o trabalho se tornara mais árduo e mais difícil”.

Diante desta reflexão, compreendemos que a relação do homem com o seu trabalho vai do prazer ao sacrifício e isto, é claro, será determinado pela própria escolha da profissão. Essa é uma questão complexa nos dias atuais, onde as escolhas profissionais são definidas não somente pelas vontades e afinidades de cada um, mas pelas exigências cotidianas, como sucesso, dinheiro e reconhecimento. Esses fatores levam muitas pessoas a escolherem trabalhos que não refletem seus interesses pessoais e o bem da coletividade, mas que dão uma aparente garantia de sucesso financeiro.

É justamente devido a estas tomadas de decisões que as funções ficam cada vez mais padronizadas, as rotinas tornam-se cansativas, e o prazer pelas conquistas, escassos. Muitos são os profissionais que veem o período de férias como uma recompensa pelo sacrifício das atividades cotidianas. De fato, não teriam este pensamento se houvesse uma reflexão construtiva antes da escolha de profissão.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações a respeito da pesquisa, composta por leituras bibliográficas, discussões promovidas pela disciplina de Profissão Docente e as entrevistas como parte fundamental para reflexão, nos levou a compreensão do posicionamento do profissional em início de carreira. Foi possível discutir, por meio de um paralelo entre as duas entrevistas, quais os ideais que embasam a forma de pensar dos professores e evidenciar o que foi formulado por Huberman referente as características do início de carreira.

Notamos que, de fato, há um entusiasmo pela profissão e até um certo conformismo para com as relações salariais, por se pensar na sobrevivência como suficiente e abarcada pelo piso salarial. Consideramos que este não é um posicionamento positivo diante de uma visão educacional que busca incessantemente melhorias, mas é o que mantém firme o amor pela profissão em início de carreira. Outro fator observado foram as reclamações em relação a ausência de um acompanhamento sistematizado pelos gestores num sentido mais prático. Segundo os entrevistados nem a formação universitária, nem a escola, ensinam, por exemplo, a preencher pagelas e organizar os planejamentos de aula, são os colegas professores quem ajudam em certos afazeres. Isso se mostra a importância das boas relações em um ambiente escolar e social.

Assumir-se como um professor requer a clareza de muitos aspectos que constituem a missão a ser realizada (ensino-aprendizagem). É preciso, sim, ter metas e objetivos, saber sobre o que vai ensinar, e ter a clareza de que sua determinação e suas atitudes são fundamentais para um ensino de qualidade, não deixando de lado, é claro, o compromisso do estado no estabelecimento de metas para a educação.

8. REFERÊNCIAS

COSTA, Marisa Cristina Vorraber. **Trabalho docente e profissionalismo**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

NÓVOA A. (Org.). **Vida de Professores**. 2ª edição: Porto Editora. Portugal, 1995.

PENIN, Sonia Teresinha de Sousa. **A formação de professores e a responsabilidade das universidades**. São Paulo, 2001

VICENTINI, Paula Perin. **História da Profissão Docente no Brasil: representações em disputa**. São Paulo: Cortez, 2009.

ENTREVISTAS

ANTÔNIO MARCOS MIRANDA BARROS. Entrevista realizada por Janaira Fidelis, Késsia Lima e Maria José Nascimento. Em 03 de maio de 2016, Rio Branco-Acre.

MARIA ROSANA LOPES DO NASCIMENTO. Entrevista realizada por Maria José Nascimento. Em 06 de maio de 2016, Rio Branco-Acre.